

# CEMITÉRIOS

Ao se realizar um ritual fúnebre, é comum o pensamento de que tal processo é uma forma de auxiliar no seu pós-vida sem se pensar que na verdade o ritual tem a função de auxiliar quem sofre a perda a enfrentar sua dor. Pensando dessa forma, é importante entender que os cemitérios não são lugares para os mortos repousarem, mas sim para que os vivos relembram seus entes queridos, um lugar que permita sentir a falta e enfrentar a perda.

O costume de enterrar os mortos é antigo, não se pode precisar exatamente de quando. A partir do momento que desperta no homem a preocupação com a morte, o homem passa a tratar seus mortos. A idéia de enterrar surge para os povos pré-históricos uma vez que os mortos eram a própria terra, que concedia a permissão para as plantações e mesmo para o estabelecimento de um novo assentamento.

Antigamente lugares sacros, os cemitérios têm passado por um processo de dessacralização sendo, hoje em dia, lugares sem significado e perigosos, onde acontecem roubos, rituais satânicos, exumações ilegais de corpos dentre outros vandalismos. Por tal motivo, muitos têm preferido a cremação ao enterro, além de ser mais breve e sendo livre do compromisso da memória. Formas alternativas de cultuar os mortos, como as *funeral homes* e os cemitérios online, fazem com que o morto seja visto como vivo, escondendo uma realidade que não se quer enfrentar.

Por isso é importante trabalhar o cemitério de forma simbólica, usando um conceito que torne o espaço vivo. Pode-se usar a arquitetura como artifício de qualificação do lugar, como se vê em diversos projetos de cemitérios famosos, como o San Catalado, de Aldo Rossi ou o de Finissterre, de Cesar Portela. Encontrar uma resposta arquitetônica para qualificar um lugar que hoje é pobre de significado é o maior desafio deste projeto.



Cemitério Finissterre de Cesar Portela.



Cemitério San Catalado de Aldo Rossi.

# CREMAÇÃO



Ao lado do cemitério referência estudados para este trabalho: Crematório secular de Rennes, na França (acima) e Treprow crematorium, de Axel Schults (abaixo).



O ritual da cremação como se conhece hoje surgiu em 1874 como uma solução sanitária para o "problema" dos mortos, além de trazer consigo o benefício de dispensar o culto aos mortos. Hoje em dia, em diversos países da Europa, existe maior número de cremações que inumações. Antes de ter a concepção que se conhece hoje em dia, os rituais de cremação, que datam de origem desconhecida, consistiam em cremar o cadáver em piras a céu aberto e as cinzas eram colocadas em vasos e enterradas junto com oferendas. Para os povos antigos, as cinzas tinham a mesma importância de um corpo enterrado, característica que não se vê mais hoje em dia.

Não é o ato de cremar em si que é descompromissado com a memória, mas a sociedade moderna o fez assim de acordo com a sua vontade: ela não quer se ver na morte do outro e através do espalhamento das cinzas, livra-se da própria memória. Não há reconhecimento de si na morte do outro.

Não há espaço para o simbólico quando não se deseja a permanência da memória. Mas isso não é consequência da cremação em si, e sim daquilo que se busca para a morte contemporânea: a cremação é apenas a ferramenta na qual esse tipo de interesse se materializa.



## Recordar antes queridas campavirtual

COMO FUNCIONA - CEMITÉRIO VIRTUAL - ADQUIRIR CAMP - ENVIAR FLORES - LINKS - CONTACTE

Distrito de Açores

Acima imagem capturada da internet mostrando o funcionamento de um cemitério virtual, onde a família pode postar mensagens e fotos do morto e, inclusive, escolher o lugar onde está o túmulo virtual.

# CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS ITACORUBI

O primeiro cemitério público de Florianópolis se localizava no alto do Morro do Vieira (onde hoje é a cabeceira da ponte Hercílio Luz). Foi inaugurado em 1840 e, até antes de sua construção, o costume mais comum era enterrar pessoas em assoalhos, paredes e arredores de igrejas. A necessidade de se construir o cemitério público se deu por diversos motivos, como o discurso insalubre acerca do sepultamento em Igrejas. O Morro do Vieira foi escolhido como localização do cemitério uma vez que já era referência de memória, uma vez que aconteciam ali alguns sepultamentos de animais e pessoas que não tinham o direito de ser enterradas nas igrejas. Uma vez fora da Igreja, os cemitérios deveriam fornecer espaço para o sepultamento de todos e não somente católicos como era até então. Protestantes, negros e pobres passaram a ter direito a um túmulo.

Ao fim do séc. XIX, a cidade de Florianópolis havia se expandido suficientemente a ponto do cemitério estar perto de áreas já urbanizadas e, começando a causar desconforto, iniciam-se novamente os discursos de higienização da área através da remoção e relocação do cemitério. Mas foi com a construção da ponte Hercílio Luz que surgiu o argumento forte o bastante para relocar o cemitério, que se iniciou no ano de 1923. Muitos corpos foram então transferidos para o novo cemitério, que se localizaria então no bairro do Itacorubi, sendo chamado inicialmente de Cemitério das Três Pontes.

No Cemitério das Três Pontes, a arquitetura se torna a grande responsável pela memória do morto, sendo o túmulo, portanto, referência de quem foi o indivíduo na sociedade. Outro aspecto que se deve destacar no cemitério que surgia no

Itacorubi era que, o mesmo discurso que se empregava para o planejamento urbano no início do séc. XX era usado no cemitério, demonstrando uma necessidade de organização do espaço, inclusive para o espaço dos mortos.

Na época de sua construção, o cemitério do Itacorubi contava com uma área de 17.975m<sup>2</sup> e capacidade para receber 3.400 sepulturas simples e 100 lotes para jazigos perpétuos. Tinha acesso complicado e a urbanização de Florianópolis ainda não era significativa na área. Seus projetos de expansão previam 30 000 túmulos.

Hoje o projeto de expansão foi todo ocupado e mais do que isso, o cemitério cresceu além desse espaço planejado. A superlotação do cemitério é um grande problema uma vez que não foi pensado nesse excedente, que se instalou no cemitério de forma aleatória e espontânea. Nesse meio tempo, surgiram os cemitérios privados, mas os custos são elevados (referência do Jardim da Paz: R\$ 6 050,00 para jazigo simples temporário) e poucas pessoas dispõem do dinheiro necessário para manter um túmulo nesse tipo de cemitério. No Itacorubi o que aconteceu foi que todo e qualquer espaço inicialmente pensado como passagem, estar, ou capelas foi sendo tomado por sepulturas e hoje em dia o terreno está tão saturado que a própria passagem e passeio pelo cemitério são complicados, sendo necessário muitas vezes caminhar por cima de túmulos e lápides. Atualmente o cemitério abriga 70 000 sepulturas, foram construídos gavetários executados sem o cuidado de impermeabilização, há vazamento de necrocharume e não há uma manutenção e cuidado com o espaço.



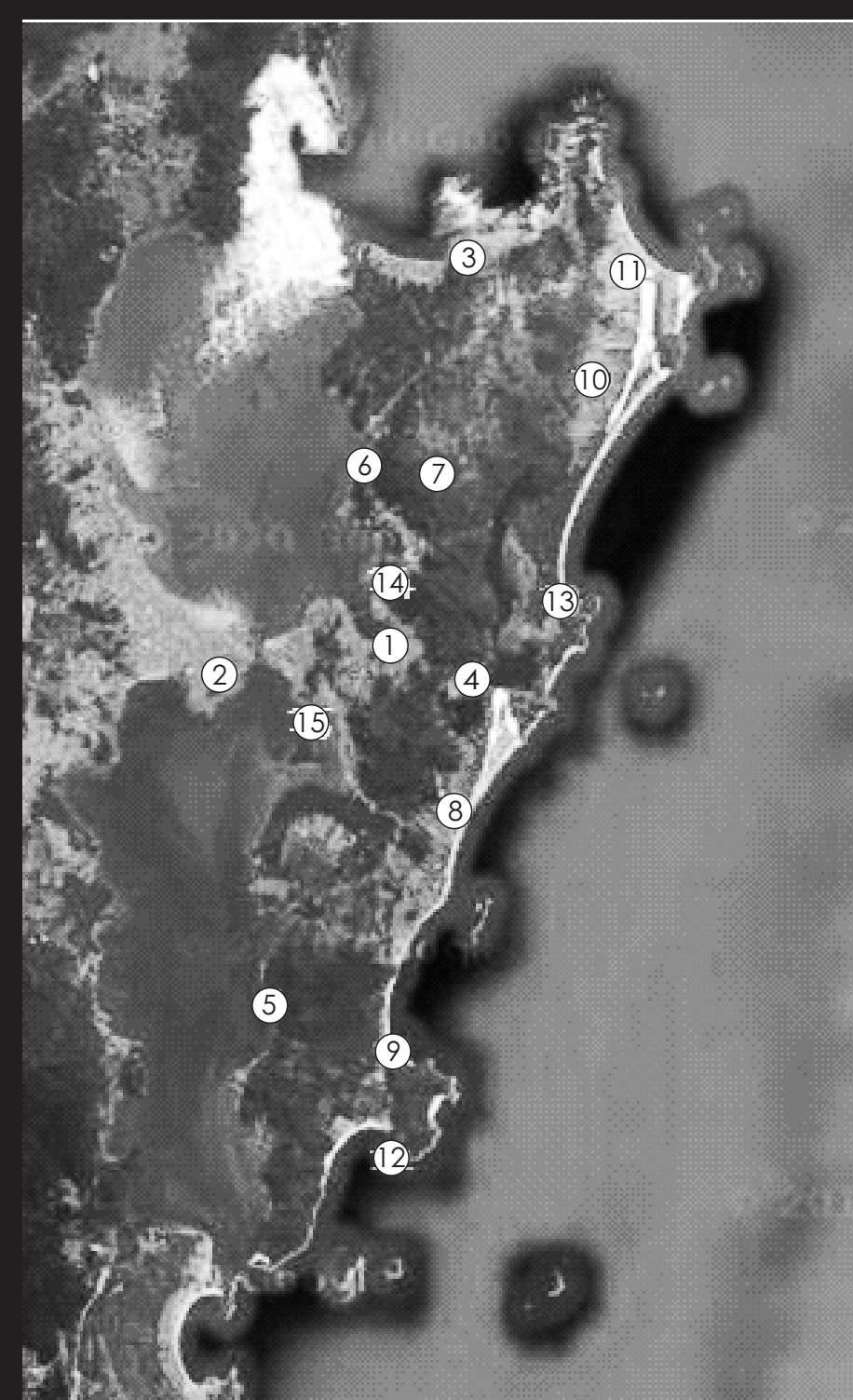
Fotos do cemitério do Itacorubi

# IN LOCO: FLORIANÓPOLIS

Parece absurdo pensar hoje que os corpos eram colocados nas paredes e assoalhos de Igrejas antes de existirem cemitérios, mas Florianópolis apresenta registros, inclusive na própria Catedral onde foram encontradas ossadas humanas sob o assoalho, além de registros históricos de que dois ex-governadores estariam enterrados nas paredes. Pensar nisso hoje em dia parece uma realidade muito distante, mas a morte já esteve mais perto das pessoas em todos os lugares.

Hoje, a cidade de Florianópolis conta com 15 cemitérios ao todo, sendo 13 públicos e 2 privados. Dos públicos, somente 2 foram criados pela administração pública, o São Cristóvão, em Coqueiros, e o São Francisco de Assis, no Itacorubi, e, atualmente, ambos apresentam problemas superlotação e falta de espaço. Os outros 11 cemitérios públicos são freguesias de igrejas, ainda resquícios do séc. XVIII, quando era comum as Igrejas terem um cemitério ao lado.

De ambos os cemitérios criados pela administração pública, que deveriam dar condições para a comunidade enterrar seus mortos, o São Cristóvão está aceitando enterrar somente aqueles que já tenham algum outro membro da família possuindo túmulo no lugar, ou seja, existe uma seleção e muito poucos têm a possibilidade de enterrar seus entes nesse cemitério. Já o São Francisco de Assis, no Itacorubi, ainda apresenta algumas poucas vagas para a comercialização, mas não suficientes pela demanda necessária. Segundo relatos do secretário da Prefeitura Municipal de Florianópolis, senhor José Carlos Raven, alguns corpos são velados por mais de 26 horas até que ele encontre lugar para que possa ser feito o enterro.



## LEGENDA:

1. Cemitério Municipal São Francisco de Assis (Itacorubi)
2. Cemitério municipal São Cristóvão (Coqueiros)
3. Cemitério municipal de Canajuré (Canasvieiras)
4. Cemitério municipal da Lagoa da Conceição
5. Cemitério municipal do Ribeirão da Ilha
6. Cemitério municipal de Santo Antonio de Lisboa
7. Cemitério municipal de Ratonas
8. Cemitério municipal do Campeche
9. Cemitério municipal da Armação
10. Cemitério municipal do Rio Vermelho
11. Cemitério municipal dos Ingleses
12. Cemitério municipal do Pantano do Sul
13. Cemitério da Barra da Lagoa
14. Cemitério Jardim da Paz (Saco Grande) - privado
15. Irmandade Senhor Jesus dos Passos (Centro) - privado